MUSEU DE SINES

REDES do TEMPO

Jornal do Museu de Sines | Câmara Municipal de Sines | Número 20 | março 2026 | Diretor: Álvaro Beijinha | Editor: Ricardo Pereira



Patrícia Cortes Moiteiro, Eli Rodrigues, Romy e Carmen Gonçalves no carro alusivo aos Descobrimentos, construído por Jorge Chu, José Chu, José Carlos Vilhena e Carlos Malafaia em 1998.

Chegou o Carnaval!

As raízes do Carnaval perdem-se na História, remontando às celebrações do fim do inverno e do início da primavera, simbolicamente relacionadas com os cultos de fertilidade. Com o advento do Cristianismo e o estabelecimento da Páscoa como festividade maior, associada ao equinócio da Primavera, o Carnaval reforçou a sua identidade de período de excessos, de abusos, de subversão e de abundância alimentar, antecedendo as pesadas restrições quaresmais que impunham quarenta dias de jejum.

Por isso as origens do nome assentam no latim que, por via italiana, deu «Carne, vale» (carne, adeus), sendo os últimos dias em que se podia consumir carne, com o Domingo Gordo como seu ponto alto. O enterro do Entrudo, em quarta-feira de cinzas, encerra as festividades, com um auto de fé, em que se queima o caixão ou o boneco que simbolizava todos os excessos cometidos.

Muitas são as datas importantes do Carnaval de Sines que, como todas as tradições milenares, foi tendo momentos de maior e menor popularidade, de quase desaparecimento e ressurgimento fulgurante. Uma dessas datas marcantes foi o ano de 1926, em que se organizaram os festejos na quarta-feira de cinzas, dia 17 de fevereiro, com particular brilhantismo. Tiveram início na praça Tomaz Ribeiro, por entre o rebentar de foguetes e morteiros, onde se formou um animado cortejo que seguiu pela rua Direita em direção ao molhe norte da antiga Ribeira, para receber os reis da Maduralandia e o seu enorme séquito.

O carro de Suas Majestades era antecedido por músicos tocando clarins e seis alabardeiros, ladeado por um esquadrão do regimento de lança morteiros, todos em uniformes carnavalescos, e seguido por um carro com os onze jogadores da equipa de futebol campeã da Maduralandia, intitulada «Tira-te p´ra lá não me tisnes», finalista, mais de cem vezes no famoso campeonato do «Branquinho», e, ainda a filarmónica «União Desumanitária Amôr e Cabana». Depois de percorrerem as ruas da vila, dirigiram-se ao campo de futebol, onde a equipa visitante enfrentou a «Fémina báco Klube», campeã da Asia Maior.

Não faltou a crítica, feita com humor, em que se apontavam as carências locais. Suas majestades foram depor uma coroa de flores, em bronze fundido, no pedestal da estátua de Vasco da Gama, nos Penedos, obra que não existia, mas de que fora lançada a primeira pedra em 1924, no 4.º centenário da morte do Navegador, sem que as entidades locais tivessem sido capazes de reunir os fundos necessários à sua construção. A visita pelos principais monumentos e artérias inexistentes prosseguiu pelo velho e novo matadouro – obras primas da arquitetura nacional – e a nova avenida «detraz do castelo», obra só realizada na década de 1950, para facilitar o acesso à praia, terminando, com um sinal de modernidade patente no fascínio pela aeronáutica, com uma visita aos «hangars das carroças-biplanos».

Tal liberdade crítica não iria durar, pois o golpe militar de 28 de março, desse mesmo ano de 26 veio a calar as críticas do Carnaval. O corso só surgiu na década de 1950, num clima de aligeiramento, aparente, do controle do Estado, imposto pela conjuntura internacional do final da Segunda Guerra Mundial e desaparecimento dos regimes totalitários na Europa, com exceção de Portugal e Espanha.

Ricardo Estevam Pereira e José Miguel Vidal



Nota do Presidente

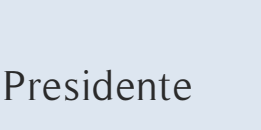
O Carnaval de Sines impôs-se como uma festa popular que adquiriu dimensões únicas no Alentejo Litoral. É reflexo do carácter das gentes desta terra, da forma otimista como enfrentam a vida e ultrapassam os árduos desafios que lhe foram impostos. É também um momento de liberdade ganha a pulso, desde a década de 1950, quando renasceu, ainda em plena Ditadura.

O Carnaval foi, pois, o possível espaço de crítica, nunca levado muito a sério pelas autoridades. Foi uma ligeira fresta aberta na pesada porta que fechava o País.

Lembramos, nesta vigésima edição do jornal Redes do Tempo, o Carnaval de 1926, que ficou na memória de muitos como um momento luminoso, antes da escuridão se impor, a partir do golpe militar de 28 de maio, que esteve na origem do Estado Novo.

Nesta ocasião lembramos alguns daqueles que contribuíram, com o seu esforço, dedicação e trabalho, para fazer do Carnaval a grande festa de todos, com plena consciência de que muitos outros nomes mereceriam igual destaque. Artistas, carpinteiros, costureiras, cabeleireiras, pintores, músicos, entre muitos outros profissionais e amadores, que contribuíram para dar suporte artístico a esta imensa energia, só possível pela união de todos, o que faz do Carnaval de Sines o único que, ainda hoje, assenta no trabalho de voluntários.

A todos eles o nosso obrigado



Álvaro Beijinha
Presidente da Câmara Municipal de Sines

Rui Encarnação e Luís Domingos
Associação de Carnaval de Sines

Rui Encarnação, Presidente da Direção

Nasci em 1995, por isso lembro-me muito pouco dos carnavais antigos. A minha memória é dos carnavais na avenida, depois na praia, e o seu retorno cá para cima, onde realmente tem mais impacto junto da população. Atualmente, é organizado pela Associação de Carnaval de Sines, que é composta por três órgãos: a Direção que é o órgão executivo; a Assembleia Geral e o Concelho Fiscal que são órgãos deliberativos. O Luís Domingos é presidente da Assembleia Geral e eu sou o presidente da Direção.

A nossa visão para o futuro é continuar a melhorar as condições de trabalho destas centenas de voluntários, dar-lhes novas ferramentas para fazerem trabalhos melhores cinematograficamente e esculturalmente. E depois conseguir fazer um trabalho de marketing a nível nacional para se puxar mais público para vir a Sines.

É sempre gratificante conseguir realizar esta festa todos os anos com os sinienses, porque é o único Carnaval nacional feito de 100% de voluntariado, e é bom frisar isso. Também convém realçar o apoio excecional que os serviços municipais dão: na questão da eletricidade, da água, da gestão dos espaços urbanos, da limpeza para que as coisas acabem por correr bem.

Luís Filipe Domingos, Presidente da Assembleia Geral

Eu lembro-me do Carnaval desde pequenito. Ainda participei com os meus dezassete, dezoito anos, com amigos meus. Fazíamos de folionas em carros, com cabeleiras postiças e aquelas coisas todas. E depois havia o futebol das matrafonas com homens mascarados.

Antes de ser tesoureiro, também fiz carros. Fiz um que era com cartas de jogar, com o Tomás. Fiz alguns, com amigos meus, e até me mascarei de Branca de Neve, de Asterix e Obelix; eu, o Hélder Manique e o Zé Garcia e até fizémos uma Luta de Sumo!

Quando me vesti de Branca de Neve, nunca mais me esqueço, dava os rebuçados às criancinhas e houve uma que foi a chorar: «Olha, a Branca de Neve tem bigode!». Era uma mulher, não devia ter bigode.

Em 2004, o corso passou lá para baixo, para a praia, o que foi ideia minha. Esteve dois anos lá. Depois voltou cá para cima. Lá em baixo é lindo, com o mar e tudo, mas era muito ventoso. Fica muito longe aqui do centro e os restaurantes queixavam-se disso, que as pessoas iam ao Carnaval e abalavam. Se vierem aqui a cima, acabam por ficar cá.

Nesse ano deu muito trabalho, mas tivemos azar porque choveu, o Carnaval só saiu um bocadinho. E para haver festa fora da altura do Carnaval, teve que se pedir ao bispo de Beja, que disse que sim: «Podem fazer o Carnaval». E fizemos nos dias a seguir. Mas o Carnaval tem data própria. Fora do Carnaval parece que não tem gozo, não tem aquela pica, porque nos dias de Carnaval mesmo, os três dias é que dá gozo. Noutros dias já não era assim muito carnavalesco.

Há pessoas mesmo folionas que se dedicam imenso, gostam do Carnaval - é porque tem de se gostar, porque, às vezes algum lá diz «Olha, que figura de parvo», mas o Carnaval é para alegrar as pessoas e temos de ter espírito carnavalesco. Se não tiver, o Carnaval não tem interesse.

Acho que antigamente havia mais bairrismo. As pessoas dedicavam-se mais, era mais com o coração, com o amor à terra. Porque, antigamente, Sines era uma vila piscatória e depois tinha o turismo de verão. Agora já não, é uma cidade industrial.

Só não faço pela minha terra aquilo que não posso. Fiz muito, a nível do desporto e a nível do Carnaval também.

A partir de entrevista de Rui Encarnação e Luís Domingos, realizada por Isabel Castanhito a 16 de janeiro de 2026.



Entrega da Chave da Cidade aos Reis do Carnaval 2026, Anabela Lourenço e Luís Filipe Domingos.



Carnaval de 1926

Dia 17 de Fevereiro — Quarta-feira de Cinzas

Original Parada

HIPICA, VEICULAR, CÓMICA, DESPORTIVA E MUSICAL

Sines em folia!

Sines a rir! Sines á gargalhada!

Ás 11 horas — éra melhor, entre as dez e as onze, — na Praça Tomaz Ribeiro, d'onde serão lançadas centenas de girandolas de morteiros e foguetes — que são ainda da festa de Setembro, — comparecerão todas as entidades sportivas, musicais e estomacais que, a pé e a cavalo, de balão e de carrinho de mão, em grande banzé, formarão um luzido cortejo que se dirigirá ao molhe Norte da C. B. M. A. — antiga Ribeira, — onde aguardarão SS. MM. os reis da Maduralandia e o enorme séquito de que se fazem acompanhar, dentre o qual figura o até hoje invencivel team de Foot-Mão-Pinha-Ball, denominado TIRA-TE P'RA LÁ NÃO ME TISNES.

O cortejo fomará pela ordem seguinte:

Montados em ginetes de puro sangue, ricamente ajaezados, 6 distintos clarins vestidos a seculo XXV. Seguem logo atraz, 6 alabardeiros com as competentes albardas, e o carro de SS. MM. o rei e a rainha da Maduralandia, que será ladeado por um esquadrão do regimento de lança morteiros, com os uniformes caracteristicos do seu paiz.

Seguem-se os carros com o formidavel onze Maduralandiano e a filarmónica «União desumanitária Amôr e Cabana».

Acompanhará tambem este luzido e nunca visto cortejo um verdadeiro batalhão de burriqueiros. O cortejo percorrerá as principais ruas de Sines, apoz o que se dirigirá ao campo de «foot-ball», onde o invencivel, formidavel e maquiavelico onze «Tira-te p'ra lá não me tisnes», se encontrará com o sorumbatico «Fémina báco klube», campeão da Asia Maior.

O formidavel grupo «Tira-te p'ra lá não me tisnes» é o actual campeão da Maduralandia e finalista mais de cem vezes do campeonato do «Branquinho», — Imperio mais que Celeste.

N'este sensacional desafio disputar-se-ha o lindo e valioso trofeu: **BRANCOVELHO.**

Para que o publico possa conhecer a biografia dos internacionais que agora nos visitam, passamos a transcrever algumas notas bio-foot-ballisticas que nos foram transmitidas pelas agencias Havas, Reuter e Wolf:

Sócocem—O melhor guarda-redes de todo o mundo. No ultimo encontro entre o seu grupo e o *Caganitofe*, de Xexuão, de 50 bolas que lhe remataram, defendeu 56. O maior assombro do seculo XX.

Cáfetunga e Fungacáfe—Uma colossal parelha de defezas. O «Diario do Sol Posto» a proposito do ultimo jogo entre o «Tira-te p'ra lá não me tisnes» e o *Kalhanbeque Atléticai Klube*, dizia: são uma muralha impenetravel, defendendo com rara mestria com as mãos e os pés.

Catumbólê—Médio direito e capitão da equipe. Antigo jogador de box. Tambem jogou o Rugby no Shaara, mas foi posto a mecher porque sôco que dava era bola rebentada. Os seus pontapés foram classsificados de tiros de grosso efeito, pelo «Zeitungue Jórnale», de Antuerpia.

Zéchato—Médio centro. Apesar das suas oito arrobas e picos, é o jogador mais veloz da équipe, á sua agiiidade se devendo muitas das victorias que o seu Club tem conseguido. O conta quilometros que traz no calcanhar direito chega a marcar 320 á hora, ou seja mais veloz que um «Overland» de 200 H. P.

Partenozes—Médio esquerdo, antigo jogador do afamado *Caixofinok F. B. A. Club* cento e uma vez campeão da zona barlavento da Pensilvania. Foi contra-regra na Comédia Franceza e actualmente é jogador de «foot-ball», como podia estar empregado numa repartição publica para dar cuspo nos selos. Tanto para uma como [illegible] outra coisa, dispõe de raras faculdades mentaes.

O quinteto avançado é composto pelos seguintes jogadores olimpicos: **Calinhókóf, Padró-[illegible], Carraspanóff, Kópofónóke e Zanoviketa.**

O ultimo alinhou durante quasi quarenta épocas pelo conhecido V. A. C. A. de Praga, indiscutivelmente [illegible]gor grupo que defendeu o imperio de *Baco*.

Arbitrará este sensacional encontro o conhecido réfree Idilio Nespreira, professor do colegio de árbitros [illegible]ncontros que metam bordoada. Idilio Nespereira arbitrará o jogo montado no seu «Teimoso», o mais diréto [illegible]val do «Favorito» de Zé Tanganho.

Os jogadores do «Tira-te p'ra lá não me tisnes» virão no transatlantico «Porquespéras» desembarcando na Ribeira, pelas 12 horas do dia do encontro. Findo o jogo, os jogadores do «Tira-te p'ra lá não me tisnes» acompanhados de SS. MM. irão depôr no pedestal da estatua a Vasco da Gama, nos Penedos, uma linda coróa de louros, em bronze fundido. A seguir visitarão os principais monumentos e arterias locaes, como o velho e novo matadouro, — obras primas da arquitetura nacional, — a nova avenida «detraz do castelo», os hangars das carrocas-biplanos, e por ultimo, como aperitivo ao jantar, irão tomar ares para o barranco da praia.

Na noite d'este dia não faltará iluminação nas ruas. Foi feito em papel máta-borrão um requerimento á lua para que apareça quando o sol se fôr embora.

MOTA:—*Atendendo ás diversas despesas que este sensacional encontro nos obriga, os preços para se poder assistir ao desafio são:*

Bancadas sombra, 2$00; Bancadas sol, 1$50; Entradas, 1$00

Os bilhetes encontram-se já ha venda no estabelecimento do sr.

HIGINIO DOS SANTOS GUISADO ⊟ Sines

Imp. Lucas. — Minerva Comercial — Evora — 377-O

Carnaval de 1926, Dia 17 de Fevereiro, Quarta-feira de Cinzas, programa doado por Maria Isabel Leitão Telo Torres.



O sr. Gomes desfilando na Avenida Vasco da Gama em 2004.

Francisco Gomes Sabino

O Senhor Gomes

Maria Amélia Ferreira da Luz Pereira, mais conhecida como Amélia Baldurega, nasceu em Sines a 9 de setembro de 1945. Lembra-nos aqui o Senhor Gomes, figura incontornável do Carnaval Siniense, onde brilhava com a exuberância das suas roupas, eximiamente executadas sob sua orientação.

O Senhor Gomes não olhava a despesas para realizar aquilo com que sonhava. Ia de propósito a Lisboa comprar adornos e até a Coimbra, buscar os tecidos. Movimentava-se bem nesse meio porque era dono de uma loja de pronto a vestir, situada primeiro na rua Marquês de Pombal e depois na rua da Alegria.

Preparava tudo com tempo, nada era improvisado e chegou mesmo a ir ao Brasil, de onde trouxe livros com figurinos, porque foi pioneiro das escolas de samba e líder da *Fina Flor*, até à morte, em julho de 2006.

Inventava as coisas. De algo pequenino fazia uma história e se as coisas não corriam como ele imaginava, ia tudo fora! Depois guardava os fatos com todo o cuidado. Tinha um armário cheio, eram as suas obras de arte.

Tudo começou ainda no tempo em que se faziam flores de papel para decorar os carros, ainda me lembro de passarmos serões no sótão da minha mãe, a trabalhar toda a noite, e às tantas da noite aparecia um chá e uns bolos para recarregar as baterias. Aí pelos anos 90 as coisas mudaram e vieram as grandes estrelas das novelas, passámos a dedicar-nos mais aos fatos, porque as escolas de samba tinham dezenas de participantes.

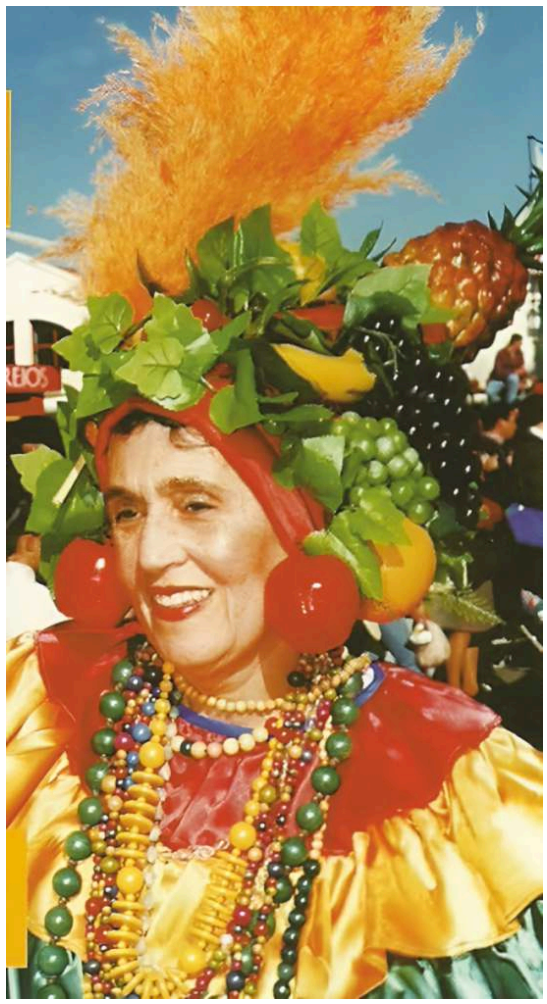
A partir de entrevista de Maria Amélia Pereira, realizada por Ricardo Estevam Pereira a 15 de fevereiro de 2026.

Ver artigo com excertos de entrevista de Francisco Gomes Sabino no jornal *Sineense* nº 21 de fevereiro 2002 disponível online em: https://www.sines.pt/uploads/document/file/3552/Sineense_21__Fev_02_.pdf

Isabel Torres

Andava sempre à procura do maior rigor

Figura sempre presente no Carnaval de Sines, onde se destaca pelos maravilhosos trajes que enverga, Maria Isabel Leitão Telo Torres, nasceu a 17 de novembro de 1943, em plena rua Luís de Camões, a dois paços das artérias por onde passava o corso. Apaixonada pelo Carnaval, desde tenra idade, lembra-nos os tempos em que a mãe e a avó aproveitavam, com imaginação e saber, qualquer roupa ou tecido para os transformarem nos trajes que vestia, orgulhosa, nesses dias. Assim começou a dedicar uma verdadeira paixão pelo seu guarda-roupa, elaborado ao pormenor, que a tornou numa figura inesquecível da folia siniense, que todos aguardam ver chegar com espectativa.



Isabel Torres, mascarada no Carnaval.

O Carnaval da minha Infância

Confesso que só me lembro do Carnaval a partir dos anos 50. Antes disso não era como o conhecemos hoje, era uma coisa mais pessoal. A minha avó dizia: «a primeira perna do carnaval é no dia 20 de janeiro» e a partir daí entrávamos na quadra carnavalesca, em que as pessoas começavam a mascarar-se de entrouxo.

Eu sempre gostei muito dessas coisas e tratava, logo cedo, de mascarar-me. Juntava-me com umas gaiatas da minha idade e saíamos por volta das sete horas. Não nos deixavam ficar até tarde, como é obvio. Vestíamos uns entrouxos, feitos com uns trapos, umas meias, uma fazenda qualquer, e saíamos à rua para brincar e correr por aí, onde nos cruzávamos com grupos organizados, de adultos. Depois, na semana mais importante do Carnaval, havia bailes no *Centro Recreativo Sineense*, agora, finalmente, já restaurado, e bailes mais seletos, na *Caninha*.

O primeiro Carnaval organizado, de que me lembro, teria eu os meus treze anos. Já havia carros, as pessoas e as empresas participavam, havia uma rainha bonita, vistosa, que ia no topo a acenar às pessoas, isto porque o Carlos Lopes Paulo deu uma grande volta ao nosso Carnaval.

Lembro-me que um dos carros que fizeram, era um pátio Sevilhano, lindíssimo. A Maria Beatriz Faria, que nessa altura devia ter os seus treze anos, filha do Sr. Luís Faria Godinho, era linda e ia sempre no topo dos carros do pai. Faziam-se coisas belíssimas, como um Índio em cima de um cavalo, com uma serpente.

Eu, pessoalmente, nunca gostei de ir nos carros, gostava sim de me vestir, e logo que tive um mínimo de dinheiro, comecei a arranjar roupa, primeiro mais modestas e improvisadas, depois mais ricas.

No princípio, a minha mãe e a minha avó faziam-me fatos de carnaval, e conseguiam, como sabiam cozer, improvisar, sem gastar dinheiro. Uma vez, que me vesti de cigana, foi com o tecido que a minha mãe tinha comprado para me fazer um robe. Não foi nada cortado, fizeram bainhas grandes, coziam aqui e ali e foi assim que fizeram a saia toda, franzida, sem cortar nada, com mais não sei quê, aí estava um fato.

A minha mãe improvisava e eu dava nome ao fato, era da minha imaginação. Lembro-me de um tecido azul, que comprou, para me fazer uma roupa para o verão, um vestido ou um bibe, alguma coisa assim, que acabou, antes, por servir para o Carnaval. O tecido foi todo empregue, por ela, na saia, comprou depois uma fitas, para fazer barras, vestiu-me uma blusa normal, branca, com manguinhas, e aproveitou um colete que era dela, quando era miúda, do luto que vestiu pelo avô. O colete era bordado a preto e a minha mãe bordou igual, mas nos tons azuis da saia. Na cabeça levava uma touca, com as fitas azuis.



Isabel Torres, com 7 anos, mascarada de Dama de Copas, 1951.



Isabel Torres, com o seu fato favorito de mexicana.

Outro fato, que a minha mãe me fez, era de dama de copas. Com uma saia branca, feita de um lençol. A parte de cima, era também uma blusa, que levou os corações feitos de flanela encarnada e, na cabeça, uma coroa, também feita pela minha mãe, em cartolina pintada com purpurinas amarelas, porque não havia essas coisas a vender, e pôs-me um véu de ir à missa na coroa! E estava giríssimo. Destes fatos, lembro-me eu, que estavam lindíssimos.

Depois pediam-nos: «Olha empresta lá o fato da tua filha do ano passado», e a minha mãe respondia: «o fato da minha filha?! Já não existe…». Era transformado noutra coisa qualquer, porque não havia dinheiro para empatar no tecido e ficar para o outro ano. Até me lembro de umas cortinas da chaminé, que estavam boas, mas no Carnaval serviram para uma saia, que depois de acabada a festa, voltaram a ser cortinas de chaminé!

Na Juventude

O meu grande companheiro de folia era o Herlander, que também pedia à avó, ou à mãe, que lhe fizesse as roupas a condizer com as minhas. Dentro do pouco dinheiro que tínhamos. Lembro-me de um ano em que eu fiz um fato de nazarena e ele ia de pescador. Éramos dos mais novos, dançávamos muito e ríamos imenso.

Neste ano, em que tinha eu os meus 20 e ele menos 4 anos, estávamos tão bem vestidos que, um casal de velhotes, até disse: «São eles! São aqueles que estavam na casa de fados a que fomos em Lisboa». E a senhora: «não são nada, como é que eles haveriam de vir cá parar?» É que havia uma casa de fados que tinha um par a dançar folclore, e nós íamos tão bem arranjados, fizemos aquilo tão

bem, de tal maneira, que confundimos os velhotes, o que para nós foi um fartote.

Quando acabava o desfile, íamos para os bailes. Muitas das vezes já não íamos mascarados, íamos a casa tirar a roupa, tomar um duchezinho, por causa da corrida, a não ser que fosse um dia muito especial em que combinássemos, como numa segunda feira à noite, irmos todos direto.

Primeiro havia a matiné da *Esplanada*. Vínhamos da matiné, comíamos qualquer coisa no *À Coca*, que é onde é agora o restaurante da Bibi, e depois íamos outra vez para o baile que começava mais tarde, às 10 da noite. Nos bailes dançava-se de tudo um pouco, havia um conjunto, como os *Controle*, que eram o meu favorito, eram de Palmela, mas também passavam samba, de vez em quando.

Quando terminava o baile, por volta das 4 da manhã, vínhamos todos pela rua, com fome. Havia comida na *Esplanada*, mas o dinheiro era curto e nós queríamos era ter dinheiro suficiente para pagar a entrada. Vínhamos pela rua Francisco Luís Lopes, e logo a seguir ao *Centro Recreativo Sineense*, era o *Armadilhas*, e havia aí um forno, de cozer pão. Nós chegávamos: «Temos fome, temos fome, vocês não vendem pão à gente?», «Vendemos pois!» Sentávamo-nos ali a comer pão quente, parece que estou a ver, os fornos cheios de caruma do pinheiro, a arder e aquele cheiro, maravilhoso. Isto no primeiro dia e a primeira vez que aconteceu.

Pensámos logo na altura: «E se amanhã trouxéssemos um pacotezinho de manteiga?» Passou a ser assim todos os anos, já estavam à espera que nós chegássemos e tudo: «Ahh estávamos a estranhar vocês não virem», diziam eles, se a gente demorava um bocadinho mais. Lembro-me que uma vez até veio o conjunto, juntámos uns 40, foi um máximo. Já trabalhávamos, mas o dinheiro era curto, por isso íamos juntando uma latazinha de conserva de qualquer coisa, íamos pondo lá em casa e dizíamos, isto é para o Carnaval. Cada um levava alguma coisa para comer. Só se fazia pão ali, nada de bolos. Eles depois também comiam connosco, fazíamos quase um arraial. Lembro-me de na semana do Carnaval ser todos os dias isto, íamos para um baile, depois para outro, dormíamos a manhãnzada, e à tarde era outra dose. Porque havia a matiné dançante e baile todas as noites.

O Herlander é que era sempre o meu par. Era um moço que gostava muito daquelas coisas e conseguíamos fazer muito com o pouco que tínhamos. Uma das vezes, ele estava na tropa, e nós tínhamos combinado um fato qualquer, já não me lembro qual era, geralmente, era um ao domingo, outro à segunda-feira, à terça-feira, etc. Ele mandou-me uma carta a dizer: «Parece que não pode ser nada feito, porque eu estou de serviço na tropa...», e eu respondi: «Isso não pode ser… então diz-me lá quem é o responsável por essa coisa, para eu lhe escrever!». Ele lá me enviou o nome do senhor e eu escrevi: «Vou-lhe chegar ao coração», e lá cheguei! Escrevi que ele fazia muita falta, que era muito importante, nós fazíamos aquilo sempre, e não sei quê… E o Herlander convencido que não vinha ao Carnaval. Na véspera… recebo uma carta do Herlander. Parecendo que não, o correio até era mais rápido na altura, que agora… E diz-me surpreendido: «Olha, fui dispensado da escala de serviço, nem sei como!». Não sabes como? Então, porque eu falei ao senhor!

Um fato de Carnaval dá muito trabalho a fazer! O meu fato de mexicana é, de todos, o que eu mais gosto. Quando cheguei à Expo, ao pavilhão do México, com a minha mãe, disse-lhe: «Mãe olha, estou ali!». Estava uma boneca com um vestido igualzinho. Eu andava sempre à procura do maior rigor, o meu fato tinha aquilo a que se chamava o rosa mexicano, tal como é tradicional nesse país.

O Enterro do Entrudo

Na Quarta-Feira de Cinzas, fazia-se o enterro do Entrudo. O senhor Salgado, que tinha barracas na praia, e o filho dele, que era quase da minha idade, mascaravam-se como nós e faziam o enterro do Entrudo. Ele fazia sempre de padre e andava pelas ruas a dizer os versos do testamento, mas ia entrando em todas as tascas e chegava ao fim já *encharcado*.

Mas os melhores enterros, que se fizeram, foram com o Zé Vilhena, que tem livros publicados. Era um moço fantástico e passou ele a ser o padre, indo eu de viúva. Uma vez até decidimos fazer um enterro grego! Fomos todos com lençóis a fazer um fato grego, então o que ia de morto até levava a moeda na boca para depois pagar a entrada para a barca que o ia passar para o outro lado. Era um moço que se chama Duarte e na altura tinha uns 14 anos. Ia no caixão e ADORMECEU! Foi a dormir o tempo todo, andava aí de porta em porta dormindo!

Comecei a ir à frente do desfile do Carnaval. O que eu delirava com isso! Mas as más línguas diziam que eu ia bêbada! Bolas, se eu fosse bêbada caia logo. Mas a minha mãe chorava muito. Passei por isso tudo…. E a minha mãe, com vergonha, mas eu fui muito feliz, graças ao universo, e não tenho pena, nem tenho que ter pena, tenho é que colocar as coisas no devido lugar e sentir que estou e fui feliz, as coisas atravessam o tempo, tudo vai e tudo vem.

A partir de entrevistas de Isabel Torres, realizadas por Ricardo Estevam Pereira a 12 de setembro de 2025.



Isabel Torres, com 7 anos, mascarada de Cigana, 1951.

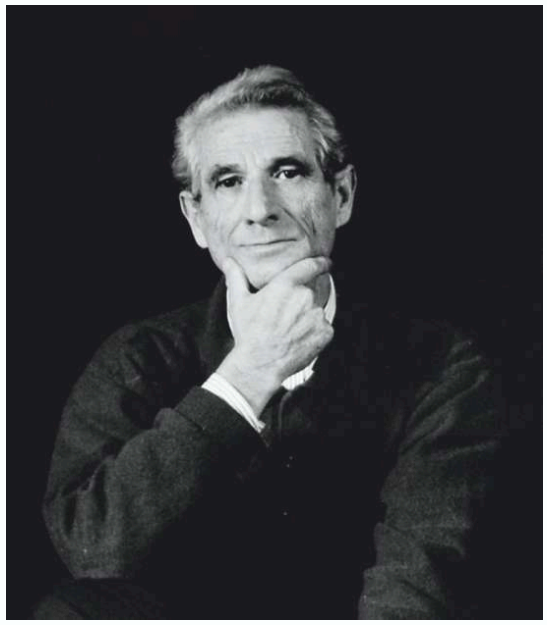
José Carlos Vilhena e José Rodrigues Vilhena

Só faltou nascer em cima de um carro de Carnaval

De pai para filho transmitiu-se a paixão pelo Carnaval. José Carlos Vilhena recordou o seu pai, José Rodrigues Vilhena, cronista, poeta e autor de inesquecíveis testamentos do entrudo, que em 2008 recebeu a Medalha de Mérito Municipal. Ambos viveram o Carnaval, ambos construíram carros e ambos foram protagonistas na maior festa de Sines.



Enterro do entrudo de 1970, ao centro, José Rodrigues Vilhena, fotografia doada por José Carlos Vilhena ao Museu de Sines.



Retrato de José Rodrigues Vilhena, fotografia de Carlos Seixas.

José Carlos Vilhena

Adoro o Carnaval, que na minha casa sempre foi tema. Só a minha mãe é que não gostava e estava sempre a dizer: «tinhas de sair à cepa, tinhas de sair à cepa…» que era o lado do meu pai.

O enterro do entrudo de José Rodrigues Vilhena

O meu pai, José Rodrigues Vilhena, nasceu a 2 de julho de 1940 e faleceu em 2009. A primeira vez que ele fez os versos para o enterro do entrudo foi em 1970, um ano antes de eu nascer. Muitos se lembram dessa vez, porque foi diferente, fez-se um enterro ao estilo grego. Tudo começou porque o meu tio Zé Garcia, mais uns quantos, foram lá a casa e conversaram com ele: «Zé, anda fazer o enterro do entrudo, tu tens jeito para aquilo», lá o convenceram e ele fez uns versos. O enterro foi ao estilo grego, juntando amigos irlandeses e ingleses, que estavam a trabalhar para os alemães nas antenas ali do Monte Mudo e não queriam ser reconhecidos. Mascararam-se também e alinharam em tudo porque eram muito amigos e passavam muito tempo na *Toca do Zorro*, e mesmo em nossa casa. O meu pai, acabou por ir com uma boina preta e uma capa, porque foi o que lhe arranjaram. Nessa noite, estava muito escuro, e ele não conseguia ler os versos que tinha escrito, bem como outros que lhe tinham dado para ele dizer, e então foi tudo de improviso.

A ideia do enterro é assinalar que se chegou ao fim do Carnaval e vai começar a Quaresma. As pessoas saíam à rua, normalmente com um boneco, mas neste primeiro foi um rapaz, que depois adormeceu, e liam o testamento, que tinha alguns versos que eram dedicados a certas pessoas, à vila, a algum episódio que se tinha passado. O percurso do enterro era escolhido previamente, pois dependia dos versos e faziam uma cruz com cal em frente à porta do visado.

Um dos versos que temos é este. O meu tio Zé Garcia e a Isabel Torres tinham-lhes dito que havia uma amiga, que era um bocadinho *snob*, e tinha prometido que também ia com eles ao Carnaval, mas à última hora não foi! Então quando chegaram à porta da casa dela, ele aqui pôs o senhor *fulano de tal* para não dizer quem era, mas na altura disse:

> para a filha do senhor *fulano de tal*
> por ter muita presunção
> deixou-lhe os canos no cu
> para beber água de verão.

Depois os versos era dentro deste género:

> se o entrudo implicou contigo
> nunca te deves chatear
> senão ó meu belo amigo
> para o ano é a dobrar.

Quando era altura de escrever os versos, o meu pai ia para a Comissão de Carnaval, que estava então instalada no mercado, naquela lojinha pequenina, e depois iam ao Válter buscar as minis. Juntava-se ele, o Luís Plácido e mais uns quantos bebendo



Carro alegórico, «Sines Terra de Sol e Turismo», feito por José Rodrigues Vilhena, à direita, nos anos 60.

minis e a pinguinha ia puxando mais e aguçando e aguçando mais ali a sátira. Levavam a tarde toda a decidir o trajeto, por onde era, a quem é que iam deixar, isso era logo, isso foi um ponto que ele deixou sempre assente. O trajeto não podia ser alterado, era logo dito a quem é que se ia deixar em testamento e o verso respetivo.

Depois passou a ser o Luís Plácido, que tinha mais voz, a dizer os versos. Mas era sempre ponto assente que nada era alterado. E foi sempre assim, até já com a Associação de Carnaval, quando voltaram a chamá-lo e ele fez tudo outra vez. Um dia introduziram uns versos que não eram dele, em que ofendiam algumas pessoas e foi aí que ele deixou de os fazer. Tinha essa preocupação: sátira, brincar, mas não ofender, era brincar com as situações, com coisas que se sabia que tinham acontecido.

A construção dos carros de Carnaval

Nunca construí carros com o meu pai. Ele fez alguns, até determinada altura, e decidiu deixar. Depois começou a colaborar só no enterro do entrudo. Um dos carros que fez foi dedicado a «Sines, Terra de Sol e Turismo», tinha uma grande onda com um barco à vela em cima, e era tão alto que ele passou o desfile inteiro, sempre atrás do carro, preocupado, a ver se os mastros não batiam nos cabos de eletricidade.

Eu comecei a construir carros em 1992. Formámos uma equipa que era eu, o Jorge Chu e o Zé Chu, que eram irmãos, e o pai deles, o senhor Noé, que era chinês, mas a mãe deles era portuguesa, era aqui de Sines, e o Carlos Malafaia. Começámos por brincadeira, fizemos um carro que era um palácio real para levar a rainha da altura e os Flintstones em 94 ou 95.

O carro das Mil e Uma Noites traz-nos sempre saudades quando falamos dele. Foi feito à escala, era uma réplica do Taj-Mahal, e nós decidimos transformá-lo num palácio árabe. Era fechado de um lado, o que causava estranheza às pessoas. Com o decorrer do desfile começaram a perceber, a ouvir falar do carro, e procuravam estar do lado certo para ver o que é que se passava lá dentro. As pessoas diziam «foram ao pormenor até o Sultão está tão bem caracterizado que parece árabe». Era um grande amigo, o Ebraim, que era marroquino, mas foi em pequeno para Itália e na altura estava a trabalhar aqui em Sines na obra da ponte para a Dinamarca. Nesse ano ganhámos o primeiro prémio, foi muito bom.

Foi neste período que se convidavam as atrizes brasileiras, que toda a gente conhecia das novelas. Vinha aí meio mundo, tínhamos carros estacionados quase até Santiago só para verem as estrelas das novelas! Tenho bem presente o ano da Regina Duarte. Ninguém, nem a Comissão de Carnaval estava à espera do gentio que veio nesse ano. Eu lembro-me que nós fomos fazer a recepção às excursões, para vender os bilhetes e tratar das coisas para as pessoas entrarem… e as pessoas nem queriam saber de nada, as pessoas chegavam do autocarro e só perguntavam «Onde é que tá a *Rainha da Sucata*! Onde é que tá a *Rainha da Sucata*!» Era só o que perguntavam. Nesse ano, nem se conseguia desfilar com a quantidade de pessoas na avenida, foi impressionante...

A partir de entrevista de José Carlos Vilhena, realizada por José Miguel Vidal a 14 de janeiro de 2026



Carro alegórico, «Mil e Uma Noites», feito pelo grupo de José Carlos Vilhena, 1997.



Rui Sabino, Liliana Oliveira, Rita Santos, Patrícia Moiteiro, Ebraim, Eli Rodrigues, Sílvia David e Rui Brites, 1997.



Maria Quaresma Telo, Ana Maria Gonçalves e Manuel Coelho entregam o 1º prémio a José Carlos Vilhena pelo carro *As Deusas do Olimpo*.

José Rodrigues Vilhena

A Banda dos Esquecidos

José Rodrigues Vilhena cumpriu dois sonhos no dia 9 de julho de 1994. A feitura do seu livro, «Respostas do Carpinteiro», com poemas e memórias e a exibição de um filme realizado e coordenado por si, «À PROCURA DO MAR». Registou no prefácio o carinho, a amizade e a solidariedade de todos para com ele. No seu livro, recordou a Banda dos Esquecidos.

Aconteceu no "tempo da outra senhora".

A Banda de Sines, rica em tradições, pela simples razão de os seus componentes tomarem uma posição justa, recusando serem joguetes nas mãos de um dos poderes de então, ficou proibida de actuar. As fardas e os instrumentos foram confiscados.

Em 1956 surgiu o embrião do Carnaval de Sines. Alguns dos antigos elementos da Banda, em conjunto com elementos da orquestra Beira-Mar recuperaram instrumentos e fizeram alguns ensaios na casa que foi da Mocidade Portuguesa e mais tarde seria a Delegação de Sines do Sindicato da Construção Civil, situada no interior do Castelo.

Na alvorada de Domingo de Carnaval, o povo da nossa terra, boquiaberto, viu os músicos vestidos, com fardas cheias de traça, tirarem acordes de instrumentos dignos de figurarem num museu.

Foi a primeira crítica do nosso Carnaval; o tom foi dado pela BANDA DOS ESQUECIDOS.

Dois anos após, o Miguel Roupa adoeceu com uma gripe, das que não querem rua e sem saber como, lá fui eu fazer um ensaio na Véspera do Domingo Magro. Para além de passar a ajeitar-me com os pratos, tive a possibilidade de nos anos seguintes cimentar uma saudável amizade com os componentes da Banda:

- O Sr. Manuel do Forte e as chamadas ao boi para a arena;
- O Ti Manel Benfica e a sua eterna juventude;
- O Mestre Bento e a sua eterna dedicação à arte da linguagem universal;
- O Mestre António Zé e os adeus para as senhoras nas varandas;
- O Miguel Roupa com o seu ar filosófico;
- O Durval mais as suas arrancadas;
- O Idálio e a sua velha calma;
- O Mestre Chico Beja e o ouvido de lado para não perder nada do que se passava;
- O Oliveira Carteiro e o seu passo de corrida;
- O saudoso Cardita com a sua graça natural.

A propósito do Cardita recordo um episódio de uma graça fina e inteligente. Jogava então no Benfica o Cavém, um daqueles jogadores que em todos os jogos, quer oficiais quer particulares, dava sempre tudo por tudo. Nesse ano a Banda dos Esquecidos saiu com vestes à "charro mexicano" com sombreros, mantas e garrafas de litro a tiracolo. Era a "Banda Borracha" inspirada na célebre música "Está Borracho".

O maestro, professor Delicado, pouco mais de metro e meio de gente, coberto por uma respeitável cabeleira cor de neve, ao fim de poucos metros percorridos apercebeu-se que a garrafa do Cardita estava vazia. Chamou-o e disse: "- O Cardita, olha que isto é a fingir". O Cardita retorquiu: "Eu sou como o Cavém do Benfica, não sei jogar a brincar".



Mestre Bento

Bento José nasceu em 1922 e morreu em 2002. Aos 14 anos faz a sua estreia na Banda de Sines e aos 18 já era músico a tempo inteiro na orquestra Oriental que animava os salões de dança da região. Festejou a vitória dos aliados em 1945 quando saiu à rua com o seu clarinete. Com a Revolução dos Cravos não terá sido diferente. Após o 25 de Abril de 1974, juntamente com Durval Prata Ferreira reorganizou a Banda de Sines.

Depois...

Depois foram os anos sonhando com uma banda a sério; instrumentos novos, sede condigna e escola de música. Hoje Sines tem a realidade que foi sonho. Os músicos da nossa terra ofereceram ao povo a realidade saída do sonho. Se mais não houvesse, só por isto: BEM HAJA ABRIL.

Excerto de Vilhena, José Rodrigues, 1940-2009, *Respostas do carpinteiro: poesia e prosa*, 2ª ed, José Rodrigues Vilhena, Sines, 1994, pp. 133-134.



A Banda dos Esquecidos, fotografia de Carlos Lopes Paulo, anos 60.

Maria Quaresma Garcia Correia Telo

A melhor festa do ano

Nasceu em Sines a 1 de fevereiro de 1944, filha de mãe alentejana e pai algarvio, cresceu junto à Igreja de Nossa Senhora das Salas. Sempre participou no Carnaval e hoje tem pena das pernas já não colaborarem com ela. Foi rainha e jurada, foi costureira e cabeleireira e ajudou sempre o Carnaval de Sines.

Desde que me lembro, a melhor festa do ano era o Carnaval, não perdia nada, era de dia, era de noite, as palhaçadas que fazíamos às pessoas, adorava! Estávamos sempre a dizer: «quando é que vem o Carnaval? Nunca mais vem a primeira perna!»

Inicialmente mascarávamo-nos de qualquer maneira, com coisas que apanhávamos. Ao princípio não tínhamos nada feito, era uma máscara e qualquer palhaçada servia. Tapávamos a cara, brincávamos com as pessoas e à noite saíamos, um grande rancho. As nossas brincadeiras eram demais! Eu morava na Ribeira de Cima e, com as minhas amigas, roubávamos os baldes do lixo às pessoas do nosso bairro e levávamos lá para baixo. E os de lá de baixo trazíamos para cima, e assim nos divertíamos.

Ainda nos meus 60 aninhos andava aí fresquinha. A melhor partida de que me lembro foi no Rossio, onde ficava a praça dos taxistas. Nesse dia éramos muitas, de cara tapada, metemo-nos de volta de um taxista, a brincar com o homem e vá de brincar, e vá de brincar, e o homem todo contente, rodeado de mulheres, até que me deu na cabeça, enquanto entretiam o homem, peguei no táxi e fugi! Fui até ao pé da estação do caminho de ferro, e o homem era só jogar as mãos à cabeça! Ele não sabia quem era, eu tinha a cara tapada, elas também. Aquilo era a vida do homem, o ganha pão dele. E eu pensei: «agora quando eu chegar lá deve ser lindo…» A minha sorte foi o meu sobrinho, pai do João Telo, que não deixou o homem bater-me. Eu só dei a volta lá para baixo, e vim deixar o carro no mesmo sítio, e ele com as mãos na cabeça, coitado, e a gente era só rir! O Carnaval para mim era uma alegria.

Quanto aos bailes, eu corria todos, ia para o *Lusitano*, para o *Nacional*, para a *Caninha*. Corríamos tudo, com a cara tapada claro, havia só um que nos obrigava a mostrar a cara. Era um dos clubes de futebol, onde queriam saber quem entrava e quem não entrava, caso acontecesse alguma coisa. Eu gostava de todos, mas sabia que naqueles onde eu podia entrar com a cara mascarada podia fazer mais partidas e brincadeiras que nos outros.

O meu percurso pelo Carnaval foi engraçado, fui costureira e cabeleireira, ajudava os meus a fazer os fatos, costurava sobretudo para os da minha família. Fui rainha do Carnaval, quando tinha 20 anos, e também pertenci ao júri da comissão, para eleger o carro vencedor, e ajudei até a fazer carros. Passávamos muitas noites a fazer flores de papel, no *Centro Recreativo Sineense*, para enfeitá-los, tal como se fazia para os mastros. Dava uma trabalheira imensa, mas era um pagode. Enquanto fazíamos as flores era só rir, comíamos, bebíamos. Lembro-me da Manuela Lapa e da Isaltina Salgado, costurávamos juntas até às tantas da manhã, e mesmo com o Carnaval quase a começar, fazíamos muitas coisas, até à última da hora.

No ano em que fui rainha do Carnaval – só o fui uma vez –, já não me lembro do ano em concreto, mas foi antes dos meus 25 anos, antes de casar. Nesse ano fiz o meu próprio vestido, tinha um manto verde, e o vestido era branco. Não tenho nenhum vestido guardado, porque era tudo reutilizado, ora emprestava a uns, ora emprestava a outros e tudo desapareceu.



Carro da Rainha do Carnaval, fotografia de Manuel Domingos de Oliveira, que no verso descreve: *O carro com a rainha da comissão que recebeu o segundo prémio, a rainha é a Quaresma,* 1964.

No ano em que me convidaram para ser júri do Carnaval também foi engraçado. Todos os anos escolhiam algumas pessoas diferentes. Tínhamos em conta o carro mais bonito, o mais trabalhoso, e quantas pessoas é que estavam naquele carro. Depois disto tudo, é que se decidia quem ficava em primeiro, ou em segundo. A decisão era tomada em conjunto, analisávamos os carros quando eles estavam a montar, quando saíam para as ruas, como se comportavam no desfile de dia e de noite. Os carros eram muito bons, havia muitas pessoas que trabalhavam em carpintaria e nas fábricas. Ouve uma pessoa que foi muito importante também, o Sérgio Passaradas, ajudava muito com dinheiro, e também ajudava a fazer. Não só as pessoas ajudavam, mas as empresas também, por isso é que havia muitos carros, e bons.

A partir de entrevista de Maria Quaresma Telo, realizada por José Miguel Vidal a 7 de janeiro de 2026.

Abílio Cortes

Construtor de Carros e de Sonhos

Abílio Manuel Gonçalves Cortes nasceu em Sines, a 21 de dezembro de 1948. Filho de Jorge Cortes e de Maria Fortunata Cortes, que exploraram desde a década de 1950 a Adega de Sines frente à qual passava sempre o desfile de Carnaval. Fez carros desde o início dos anos 60, até 2005, sendo um dos mais experientes mestres, por todos reconhecido.

O Carnaval Selvagem

Eu ainda fui do tempo do Carnaval selvagem. Quando era miúdo, era muito pior, aqui no largo dos Galegos, por cima daquelas varandas, haviam grupos que atiravam ovos e sacos de serradura às pessoas. E dantes era com couves, sacos de areia e sacos de serradura. As couves eram aqueles canudos grandes, das peças de tecido que vêm enroladas. Íamos buscar essas coisas, era cada mocada na malta! Acabou-se com isso. Aquilo era um Carnaval selvagem. Era só com a malta da terra.

Havia muitas coisas caricatas. Quando éramos moços, andávamos em cima dos carros, todos em biquíni – já havia biquínis –, e depois íamos para a praia lavarmo-nos, sempre cheios de serradura, farinha e de ovos! Eh pá, são muitas histórias mesmo, muita história interessante.



Grupo de amigos, com Abílio Cortes, mascarados com trajes das províncias de Portugal, Carnaval de 1956.

Os Carros de Carnaval

A primeira vez que fui num carro do Carnaval foi, talvez, no primeiro ou no segundo ano que se organizou aqui em Sines, em 56. Estava na escola, íamos aos pares e eu fui vestido à Beira-Alta. E a partir daí não parei de gostar do Carnaval. Depois comecei a fazer carros, aos treze ou catorze anos, ajudando as outras pessoas. E fui fazendo. Fui colaborando com o Carnaval até 2005, que foi o último ano em que eu participei.

Aprendi com os nossos mestres, que ensinavam a fazer os carros e o primeiro que fiz foi com quinze ou dezasseis anos. Naquele tempo, fazer carros era muito mais difícil do que é hoje, era tudo feito em madeiras, serapilheiras, gesso, muita coisa. Hoje é mais fácil porque têm quem sabe fazer alguma coisa, com jeito para desenhar ou trabalhar a esferovite.

O primeiro carro que eu fiz parece-me que era um piano, um rabecão e uma lira. O segundo foi o do pintor Salvador Dalí – que até ia no carro. Depois fui fazendo com uma série de colaboradores. Nesse tempo não havia escolas de samba. Havia foliões. Iam esses tais foliões e alguns carros. Não era como hoje, que é uma série de carros.

Antes eram carros pequenos, aqui nas ruas estreitas da vila. O corso começava ali no *Atelier do Carnaval*, junto do *Salão da Música*. Vinha pela rua Gago Coutinho até ao Castelo, e seguia pela Teófilo Braga até ao largo dos Correios, onde dava a volta, e vinha para cima pela rua Serpa Pinto e Francisco Luiz Lopes, fechando esse circuito aí todo. Só que depois acabaram com isso. Pensámos fazer o corso na avenida, nos anos 90, porque já havia muita gente a vir ao Carnaval e queríamos fazer carros maiores. Um ano fomos dar uma voltinha pela avenida, estava uma tarde boa, aquilo deu logo nas vistas, e a partir daí mudámos o percurso.

O Carnaval começou sempre no princípio do ano. Às vezes, começávamos a pensar e a ter reuniões antes do Natal, mas nos carros só começávamos a trabalhar em janeiro, e sempre à pressa! Por vezes tínhamos receio, porque o tempo não ajudava. Aquilo era tudo em madeira, fizeram-se carros grandes e nunca ninguém caiu, nenhum se partiu e nunca houve problemas. Hoje é que se faz em ferro que depois é forrado.

Como fazia carros e pertencia às Comissões de Carnaval, tinha só a terça-feira, que era o último dia, para me vestir e brincar. Nos outros dias trabalhávamos naquilo tudo. Sábado era sempre mais difícil, porque era o primeiro dia, depois era a noite de domingo, e só na terça-feira é que nos vestíamos, almoçávamos e convivíamos. Éramos as Matrafonas do Carnaval!



Matrafonas com Regina Duarte, 1992.

Havia sempre histórias. Uma terça-feira, fizemos uma largada de touros, com o *Chibanga*, que veio cá com uns bezerrizitos, numa arenazita que se fez ali atrás dos quintais. Fomos todos vestidos e depois entrámos lá para dentro, com os bezerros! Houve muita gente que caiu, um até foi pisado pelo bezerro e, quando se levantou tinha a cara cheia de bosta!

Os anos da reorganização

Depois do 25 de Abril, corremos com o Pedrosa e formámos uma nova Comissão. No ano a seguir



Postal com carro de Abílio Cortes, última década do séc. XX.

não se fez Carnaval porque surgiram divisões políticas. E só depois voltámos a fazê-lo. Houve problemas com o *Salão do Povo*. Arranjámos o Salão todo, mas depois era o nome: *Salão do Carnaval / Salão do Povo*, aquelas barafundas todas. Deixou de se fazer carros porque uns eram de um partido, outros eram de outro.

Fizemos, de novo, carros até 1985 e nesse ano não se fez nenhum, não havia ninguém praticamente e não houve Carnaval. Em 1986 fizemos só os bailes e em 1987 saímos só com os carros velhos. Pelo menos houve bailes, de que a malta gostava. Era o recinto todo cheio, as bancadas e os bares. A malta gostava daquilo, queria era festa e dançar.

Em 1988, 1989, organizámos uma nova direção, éramos poucos. E a partir daí foi até 2000 e qualquer coisa. Depois já foram outras direções.

Para o Carnaval, em si, não ganhávamos dinheiro porque todos os anos distribuíamos pelas coletividades: era para os Bombeiros, era para a Música, para o Vasco da Gama, para a Santa Casa, fazíamos sempre isso. Houve um ano ou outro que não distribuímos para conseguirmos comprar o Salão. Depois arranjámos o Salão, para isso fizemos bailes, fizemos festas no Castelo, juntamente com o Vasco da Gama. A Câmara colaborava sempre. Se tivéssemos prejuízo, pelo mau tempo ou qualquer coisa, tínhamos de garantir os pagamentos às pessoas a quem comprávamos as coisas. A Câmara comprometia-se a pagar, e ajudava-nos com algumas pessoas.

Depois, mais tarde, é que conseguimos o apoio da *Petrogal* e outras empresas, como o da *Condotte*. Começámos a contratar atrizes, as famosas brasileiras das telenovelas. A primeira foi a Simara, depois mais duas, e finalmente a *Rainha da Sucata*, essa foi… a avenida estava cheia até ao celeiro, tudo cheio, tudo cheio. Belos Carnavais!

A partir de entrevista de Abílio Cortes, realizada por Isabel Castanhito a 16 de dezembro de 2025.

De agulha e dedal também se faz o Carnaval

Não há Carnaval em Sines sem o trabalho das costureiras, que dão forma às muitas ideias e sonhos, de todos os participantes, ao longo de inúmeras noites de trabalho. Se as suas obras brilham na avenida, a sua presença é discreta, mas indispensável. Lembramos com carinho Luísa Santa Bárbara, a Luísa *Parola*, costureira de profissão, cuja presença continua viva na memória de todos.

Zé Carlos Vilhena

Das pessoas que tenho mais saudades é da minha Luísinha. Ia com ela às compras a Lisboa e era uma alegria. Começávamos nas portas de Santo Antão e terminávamos no Martim Moniz, a comprar coisas. Nós só íamos a essas lojas uma vez por ano. Mas conforme ela enfiava a cabeça na loja ouvíamos logo, com grande euforia: «Olha a dona Luísa do Carnaval de Sines!»

Cassilda Prazeres Silva

A primeira vez que fiz um vestido grande foi no Carnaval. Nunca na minha vida tinha feito um vestido daqueles. Tenho feito sempre o da portabandeira, a partir dos desenhos feitos pelo Rúben, que é o que dá mais nas vistas e é logo o primeiro a entrar. No ano passado o vestido representava a noite e depois a lua.



Fotografia de Cassilda Silva no Carnaval de Sines, 2013.

Celeste Apolónia

A Luísa Parola deixou saudades a todos nós. Era ela que inventava muitas das coisas. Ia ver os carros, pensava, via qual era o tema e dali idealizava a roupa, costurava, mandava costurar e cortava tecidos para o resto das ajudantes. Sempre disponível para ajudar, era costureira de profissão. Eu também fui Rainha do Carnaval em 2023. Adorei a experiência! O melhor foi a recepção calorosa das pessoas, contentes de sermos nós, pessoas da terra. Foi muito bom. Vinham ter connosco a dar-nos os parabéns e que tínhamos estado à altura do Carnaval, fiquei de coração cheio! Nesse ano foi a Andréia de Paula, que vocês também entrevistaram, que me fez o vestido.

Andréia Elias Maia de Paula

O melhor de tudo é fazer os fatos e desfilar. Há dez anos que trabalho intensamente no Carnaval. É dia e noite. Os meses de janeiro e fevereiro são dedicados ao Carnaval onde faço os fatos mais elaborados, os dos reis, quer dos grandes quer dos pequenos!

A partir de entrevistas realizadas por Isabel Castanhito, Ricardo Estevam Pereira e José Miguel Vidal, em 2025/26



Retalhos de Saudade

Divinas obras, eterna recordação

No balançar da marcação,
vou chulear meu coração
Com retalhos de saudade, numa doce brisa
Skalabatuka recordar, nossa querida Luísa

Um ser de luz se apresentou,
abre a cortina para raiar um novo dia
Na venda da rua da Escola,
não sei bem porque, me chamam Parola

Teci o meu traje de dedicação, amparo,
conhecimento e tradição

Reguila, espalho a minha bondade
Meu sorriso é sincero, a todos deixarei saudade
Meu faroleiro, vou contigo para sambar
Sou a sua luz, para te acompanhar

Divisa da resistência, mulheres guerreiras
Nossa luta é popular

Na Arte Velha somos artistas,
o dia-a-dia de conquistas
Gira a baiana de agulha e dedal,
p'ra brincar no Carnaval

Letra e Música de João Matos, 2023

Hélder Patrício Manique

O eterno rei do Carnaval

HelRei nasceu em Sines, no dia 18 de fevereiro de 1958, ainda é do tempo do "Carnaval Selvagem", que não achava grande piada. É o mais famoso Rei do Carnaval de Sines, construiu carros, recordou as rainhas brasileiras, os disfarces, os petiscos e as suas aventuras como folião e como _Sua Majestade_.

A história de como fui rei pela primeira vez é curiosa. Nunca tinha existindo um rei do Carnaval, foram sempre rainhas. Em 1989, quando convidaram pela primeira vez uma atriz brasileira, a Simara Show, houve uma eleição para o cargo, no IOS, no mesmo sítio onde se faziam os bailes.

Eu tinha jantado com uns amigos, em ambiente de Carnaval, estávamos já com uns copos em cima e animados, decidimos assistir à eleição do rei. A Simara sobe ao palco e vira-se para o público e pergunta: «Preciso de dois gordinhos». Digo eu assim: «epá aqui tá um». Mas eu nunca pensei de me calhar a mim. O Passaradas também foi comigo, e ela chamou-nos para subir ao palco.

Epá, quando subimos ao palco, aquilo estava cheíssimo de gente. A abarrotar! Foi daquelas sensações de uma pessoa dizer: «Onde é que eu me vim meter…». Mas entrámos na brincadeira, estávamos os dois em cima do palco e ela começou por mim:

«Então, o senhor é casado ou solteiro?»

«Sou viúvo!» Estava a minha mulher lá em baixo com as outras, tudo a rir.

«Ah viúvo! E o Senhor quer dar um beijo na face esquerda ou na face direita?»

«Eu quero dar na boca!»

«Muito bem, um beijo na boca…»

Ela entrou na brincadeira, e houve uma coisa que eu aprendi, as artistas eram elas, não éramos nós, o nosso dever era colaborar, brincar e divertir, mas sempre atrás delas. Correu extremamente bem, e continuei. Fui uns 10 anos Rei do Carnaval, apanhei a Regina Duarte, a Cláudia Raia, a Aldine Muller, são as de que me recordo melhor.

porra, é que se te matarem a ti, é menos um comunista, agora a mim é mal empregue, estou lixado!» Tava um polícia a lavar as mãos e disse: «Esteja descansado que eu faço de segurança». E não nos largou até a gente vir para o carro.

É quando estamos em cima do carro, que temos noção da quantidade de gente. Nesse ano, da Regina Duarte, em que ainda existia a bancada em frente ao centro comercial, foi a loucura. Sines encheu-se de excursões, o parque de campismo estava cheio, lembro-me de umas seis ou sete excursões vindas da Nazaré, eu nessa altura ainda jogava à bola, as varinas a assistir o corso só gritavam: «Mostra a perna!» E eu punha-me a levantar a túnica lentamente e elas: «Mais! mais!»

É preciso ter feitio para isto, o Rei tinha que dançar, estar presente na entrega de prémios, tinha que discursar, estar sempre em movimento. É preciso saber lidar com as pessoas. Temos que ter consciência e sermos cautelosos, porque é preciso compreender quem é que gosta e quem não gosta.

Tenho uma história que, sempre que a conto, a malta rebenta-se com rir. Fizemos um carro, o *Pica-limas* ia de sultão e ia deitado. Eu e o João Preto éramos as dançarinas e estávamos a *sensualizar* para o público. Ali em frente à pastelaria do Oliveira, estava um daqueles alentejanos mesmo puros, era um gajo pequeno, com um *ganda* cachaço, boné puxado para baixo, carrancudo, cara trancada, via-se mesmo que ele adorava o Carnaval. Eu olhei para ele, achei-o engraçado, mandei parar o trator à frente dele e comecei a dançar, todo *sexy*, ele só me disse isto:



Hélder Patrício Manique e Sílvia na receção à atriz Regina Duarte, a famosa *Rainha da Sucata*, no Aeroporto de Lisboa.

O ano da Regina Duarte foi a loucura, a *Rainha da Sucata*, na novela. Fomos buscá-la ao Aeroporto de Lisboa e eu fui de Árabe. Nesse ano, houve o atentado em Albufeira a um dos membros da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). No aeroporto fui-me vestir numa casa de banho, era na altura o César presidente, digo eu assim: «César, eu vou-me vestir de árabe, isto é uma merda. Os gajos porraram aí com o outro e eu agora vou assim vestido? Vou cagando cornos «Estás bom é para ir pó matadouro!» Foi daquelas mesmo secas, mandei seguir o trator e fomos embora, eu já chorava a rir.

A história da Luta de Sumo também é muito conhecida. Antigamente começávamos a fazer os carros muito mais cedo. E na altura nós fizemos propaganda, panfletos, mandámos para Lisboa, éramos quatro, para variar, eu, o *Sorrisos*, o *Pica-limas* e o João Preto. Tínhamos nomes japoneses, e



Hélder Patrício Manique vestido de sultão no Carnaval de Sines.

as pessoas pensaram: «Ena, luta japonesa em Sines», ficaram entusiasmadas e vieram de propósito para ver, a pensar que era a sério, havia fila à porta do pavilhão. Eu lutei com o *Sorrisos*, não tínhamos frio porque já íamos quentes, e eu disse-lhe: «agora não faças força», e ele diz-me assim: «não, não, comigo é tudo a sério!» Foi um espetáculo, fartámo-nos de rir, e as pessoas também.

O futebol trapalhão também me lembro desde sempre, em tempo foi num campo, onde é hoje o mercado, mas eu só conheci no atual, do Vasco da Gama, ainda em terra batida. Eram os solteiros contra os casados, ou as mulheres contra as sopeiras, consoante o ano variava o tema. Eu lembro-me dos jogos ainda em gaiato, era no tempo da velha guarda, do Chico Vilhena, do Chico Cristóvão, que já faleceu, o Mário Lopes, aquela malta toda. O árbitro era o Zé Vilhena, levava um daqueles relógios despertadores, grandes, no pulso. Era um fartote, iam mascarados, uns aleijavam-se, uns já iam bêbados, havia pessoas que nós estávamos habituados a ver no dia a dia, que nunca alinhavam em nada, e no Carnaval vestiam-se, brincavam, ficavam parvas, uma pessoa não acreditava.

A partir de entrevista a Hélder Patrício Manique, realizada por Ricardo Estevam Pereira a 5 de fevereiro de 2026

